

EDUCAÇÃO URBANA: OFICINAS PEDAGÓGICAS PARA (RE)APROXIMAÇÃO ENTRE A CRIANÇA E A RUA

URBAN EDUCATION: PEDAGOGICAL WORKSHOPS FOR RECONNECTING CHILDREN WITH THE STREET

Juliana Lamana Guma¹, Marina de Alcântara²,
Millene de Mello Andrade³ e Rayana Lopes Torri⁴

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a relação da criança com a cidade e como dá-se seu entendimento sobre a rua a partir de oficinas pedagógicas explorando o tema da educação urbana. As bases teóricas partem da perspectiva do movimento das Cidades Educadoras e da relação da criança com a cidade no contexto do projeto de extensão universitária [com]VIDA. As oficinas pedagógicas têm como objetivo aproximar as crianças do espaço público urbano, propondo atividades que exploram habilidades e competências articulados com a Base Nacional Comum Curricular. Neste trabalho estão apresentados os principais resultados de três atividades desenvolvidas durante oficinas aplicadas com três turmas do quinto ano do ensino fundamental de duas escolas públicas municipais de Santa Maria em 2024.

Palavras-chave: criança e cidade; espaço urbano; oficinas pedagógicas; rua.

ABSTRACT

This work proposes a reflection on the relationship between children and the city, and how their understanding of the street develops through pedagogical workshops exploring the theme of urban education. The theoretical foundations are based on the perspective of the Educating Cities movement and the relationship between children and the city within the context of the [com]VIDA university extension project. The pedagogical workshops aim to bring children closer to urban public spaces, proposing activities that explore skills and competencies aligned with the National Common Core Curriculum. This paper presents the main results of three activities developed during workshops conducted with three fifth-grade classes from two public municipal schools in Santa Maria in 2024.

Keywords: children and the city; urban space; pedagogical workshops; street.

1 Doutoranda em Desenvolvimento Regional - PPGDR UNISC. Arquiteta e Urbanista Mestre em Planejamento Urbano e Regional pelo PROPUR - UFRGS. Graduação finalizada em 2009 no Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, em Santa Maria - RS, e especialização em Gestão Estratégica do Território Urbano na Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana - UFN, Santa Maria. E-mail: juliana.guma@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8694-7868>

2 Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Maria (2013), mestrado em Patrimônio Cultural pelo Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural- PPGPPC (2015) e graduação pelo Programa Especial de Graduação de Formação de Professores para a Educação Profissional (2016) da UFSM. Atualmente é professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana - Santa Maria/RS. E-mail: marina.alcantara@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-2121-8830>

3 Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Franciscana, Santa Maria. E-mail: millene.andrade@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-6752-4817>

4 Acadêmica do curso de Arquitetura e Urbanismo - Universidade Franciscana, Santa Maria. E-mail: rayana.torri@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8845-5589>

INTRODUÇÃO

O [com]VIDA é um projeto de extensão universitária do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Franciscana que atua com educação urbana em Santa Maria desde 2018, promovendo ações que reforçam a identidade local e fortaleçam a apropriação de comunidades com seu lugar de vivências cotidianas, defendendo a conscientização de corresponsabilidade com a cidade e qualidade de vida urbana de forma coletiva. Das variadas dimensões de estudos sobre a cidade, a qualidade ambiental urbana relaciona os aspectos de ordem físico-espacial do ambiente construído ao conjunto de atividades e usos das pessoas no espaço da cidade, aliando suas vivências, percepções e ações corriqueiras do cotidiano.

Por acreditar que é possível construir uma cidade melhor no que se refere à promoção da inclusão social e territorial assumindo como referências os conceitos do Urbanismo Social (LEITE, 2023), o [com]VIDA vem se transformando desde de sua criação, buscando articular saberes da arquitetura, do urbanismo e de áreas correlatas aos esforços de esferas governamentais que colocam a qualidade da vida urbana em suas discussões e atuação.

Pensar sobre a cidade e suas dinâmicas é o grande tema que norteia as práticas de extensão universitária do Projeto [com]VIDA. As diretrizes de suas ações baseiam-se nos princípios de que a cidade é um lugar de encontro e de que incentivar vivências na cidade contribui para a formação de cidadãos protagonistas na transformação positiva do espaço urbano, com possibilidades destes pertencerem e cocriarem uma cidade que promove e acolhe o outro, o encontro e a diversidade.

O [com]VIDA defende a importância da vivência no nível da rua, do contato e do encontro entre pessoas, sabendo que os espaços urbanos são locais para troca de saberes e experiências, espaços que são marcados por afetos, conflitos, aceitação das diferenças e respeito pelo outro. De variadas ações que já foram promovidas e de todas as possibilidades de trabalho investidas pelo Projeto, este texto propõe discutir resultados de ações que foram desenvolvidas em duas escolas municipais de Santa Maria em 2024. A partir de oficinas pedagógicas aplicadas por acadêmicos de Arquitetura e Urbanismo, foram desenvolvidas diferentes atividades cujo objetivo principal era refletir criticamente sobre a cidade e alguns de seus conceitos. Mesmo afirmando a importância da educação urbana para todos os habitantes e reconhecendo que a aprendizagem ocorre ao longo da vida (CIDADES EDUCADORAS, 1990), o foco das reflexões aqui expostas está no entendimento do conceito de “rua” por estudantes do quinto ano do ensino fundamental.

Compreende-se que as cidades possuem, na sua essência, o sentido de espaço de educação, ainda que existam concepções diferentes da relação entre cidade e educação. A educação, tanto em seus processos formais quanto, especialmente, nos informais e não formais, é um meio eficaz para promover o desenvolvimento da cidadania e da democracia. Nesse sentido, entende-se que quanto mais a educação se conecta com a vida na cidade, mais se fortalece a relação entre o indivíduo e o espaço, intensificando o processo de valorização cultural e local.

Nesse sentido temas como educação urbana, cidades educadoras e a relação da infância no espaço urbano são abordados ao longo do texto. Ainda expõe-se a base metodológica e as experiências de oficinas pedagógicas aplicadas em duas escolas públicas municipais de Santa Maria, com três turmas do quinto ano do ensino fundamental, destacando os resultados de três atividades específicas para refletir sobre a rua a partir do olhar do público infantil.

BASES TEÓRICAS

Ao saber da importância do indivíduo na produção do espaço urbano coletivo, o Projeto [com] VIDA entende a educação urbana, com foco nas crianças e a partir de conceitos da educação para autonomia (FREIRE, 1996), como potencial instrumento de ressignificação da relação do indivíduo com a cidade. Da construção de uma prática pedagógica a partir da visão de mundo do educando, o tema da educação urbana se articula a esse conceito ao promover debates focados na vivência e experimentação do próprio território, formando indivíduos críticos e conscientes da realidade sócio espacial em que se inserem.

Nas reflexões teóricas do grupo extensionista, entende-se “educação urbana” como o processo de ensino e aprendizagem pelo viés da cidade, reconhecendo-a enquanto espaço dinâmico e dialógico como condição para reconhecer o lugar do indivíduo na dinâmica de interação com o espaço coletivo. Compreender a cidade como um sistema dinâmico de interação entre o indivíduo, e o respeito à diversidade de forma equilibrada é um dos desafios de uma cidade capaz de mobilizar socialmente seus habitantes.

Partindo de uma análise dos atores da cidade e das dinâmicas de produção do espaço, pode-se entender que é a partir do indivíduo, e conseqüentemente do coletivo, que a cultura cidadã se desenvolve, autorizando que movimentos de direito à cidade (Lefebvre, 2001) possam ocorrer. A promoção do equilíbrio e harmonia entre indivíduo e coletivo é um dos temas que perpassa o conceito de Cidade Educadora ao relacionar identidade e diversidade como temas transversais relacionados a um ambiente urbano de plena cidadania (CIDADES EDUCADORAS, 1990).

O conceito de Cidade Educadora, estabelecido na década de 1990 a partir da Carta das Cidades Educadoras (CIDADES EDUCADORAS, 1990), expressa a compreensão de um movimento que defende que os espaços urbanos são territórios educativos potenciais, e que a educação deve conduzir os processos políticos que fazem a cidade. Essa abordagem enfatiza que a educação deve ser um processo contínuo e inclusivo, acessível a todos, promovendo a diversidade e aprimorando vários aspectos da vida urbana, como planejamento, participação pública e ofertas culturais em prol da qualidade de vida da população.

Os princípios que orientam o desenvolvimento de práticas educativas expressos na Carta das Cidades Educadoras (1990), estão relacionado com a ideia de uma cidade ativa, que incentiva os indivíduos a se envolverem em suas comunidades e participarem de processos democráticos; de uma

cidade com diversidade cultural, enfatizando a importância da coexistência harmoniosa e o respeito mútuo entre as diversas comunidades que conformam uma cidade; e que a aprendizagem ocorre ao longo da vida, “que começa na infância mas nunca termina e jamais se reduz à formação laboral ou profissional” (CIDADES EDUCADORAS, 1990, p. 5), em uma perspectiva que incentiva práticas pedagógicas inovadoras, conectando o aprendizado com experiências cotidianas daquelas que fazem o espaço urbano.

Ao compreender que os espaços da vida cotidiana têm potencialidades de acolher práticas pedagógicas que contribuam na formação de novos cidadãos, mais conscientes e identificados com a sua rua, o bairro e a cidade, reconhece-se o ambiente urbano como elemento pedagógico. A partir disso podem ser pensadas práticas educativas que fomentem a observação crítica da realidade concreta, fomentando reflexões sobre a espacialidade da cidade.

Nessa perspectiva cita-se Kevin Lynch (2011) e seus estudos que enfatizam a importância de ensinar o observador a olhar de forma atenta e de perceber a cidade na multiplicidade de formas e dinâmicas que coexistem, uma vez que as cidades são constituídas por pessoas com diferentes histórias, de classes e profissões diferentes, com vivências e visões de mundo diferentes. Lynch (2011) destaca que para a construção da legibilidade da cidade pelos indivíduos é preciso reconhecer aquilo que o autor define como a “imagem da cidade”, reforçada por memórias e vivências individuais.

Nesse sentido, nosso contexto urbano nos mostra, atualmente, uma série de desafios para a construção de cidades mais democráticas e saudáveis, que permitam que experiências e memórias sejam vivenciadas com segurança e qualidade. A ausência de espaços públicos adequados para a interação social tornam a experiência urbana negativa. A rua se tornou, em muitos casos, sinônimo de perigo, principalmente para as crianças que são afastadas do espaço urbano que agora responde às lógicas de consumo, deslocamento e defesa.

Quando se fala das crianças na cidade é possível reconhecer o esvaziamento das ruas e a especialização dos espaços institucionais dedicados ao público infantil, segregando-os do restante da cidade. As crianças estão vivendo, basicamente, no espaço da escola e da casa, o que restringe as possibilidades de interação com pessoas de diferentes idades, realidades e contextos que auxiliam na compreensão e reconhecimento do mundo em que vivemos. Esta ausência da criança no espaço urbano é negativa se reconhecemos o potencial educativo do espaço urbano, “através do qual desenvolvemos olhares, sensibilidades, nos abrimos para a diversidade, ao mesmo tempo em que nos afetamos pela desigualdade que caracteriza nosso mundo social” (Carvalho, 2022, p. 68).

Essa realidade gera, ainda, invisibilidade social, desconexão das crianças com a cidade e uma potencial ausência de compromisso com o presente e o futuro do urbano. Em sentido oposto, o direito à cidade inclui aprender com e na cidade, a partir das vivências e convivências na rua e nos demais espaços públicos em todas as fases da vida, que inclui a infância. João do Rio, quando fala das ruas lembra que:

Se a rua é para o homem urbano o que a estrada foi para o homem social, é claro que a preocupação maior, associada a todas as outras ideias do ser das cidades, é a rua. Nós pensamos sempre na rua. Desde os mais tenros anos ela resume para o homem todos os ideais (...) instintivamente, quando a criança começa a engatinhar, só tem um desejo: ir pra rua! (Rio, 2008, p. 20)

A base das discussões aqui expressas está na busca por possibilidades de retomar essa preocupação citada pelo autor, por formas de (re)aproximar as pessoas do espaço urbano e, focando nas crianças, entender como seria possível aproximá-las de forma lúdica e crítica da cidade. Entre as respostas encontradas até o momento, a educação urbana surge como um dos caminhos possíveis e a escola como o espaço de intermediação entre a criança e a cidade.

Nesse sentido, a proposição de oficinas pedagógicas mostrou-se uma alternativa adequada para a comunicação com as crianças. As atividades elaboradas para as oficinas tratam de temas relacionados à cidade, em diferentes escalas e abordagens, adequadas aos estudantes do quinto ano do ensino fundamental público. Esta faixa etária foi escolhida com base nas habilidades indicadas na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018). Neste artigo, especificamente, tratamos de ações que abordaram a habilidade de Representação das cidades e do espaço urbano, que se insere no tema das “Formas de representação e pensamento espacial”, dentro da disciplina de Geografia. O foco foi a representação da rua, mas as ações também proporcionaram espaços para o desenvolvimento das habilidades de oralidade, leitura/escuta e processos de criação, entre outras previstas para os estudantes.

Para isso, temos que ser sensíveis às formas de comunicação das crianças, às suas diferentes linguagens, por meio das quais dão significado às suas experiências. Essas linguagens se manifestam nas culturas infantis, em suas diferentes expressões, como a brincadeira, o desenho, a música e a imaginação. Através delas, as crianças nos dizem como veem o mundo e o espaço social em que habitam: as cidades, bairros e comunidades onde elas estão inseridas. (Carvalho, 2022, p. 76)

METODOLOGIA

As ações propostas pelo projeto extensionista aqui apresentado, buscaram aproximar os estudantes da cidade, entendendo a escola como um intermediador dessa relação, ampliando para fora dos muros escolares os espaços de aprendizagem. As ações foram realizadas com 3 turmas de 5o ano do ensino fundamental de 2 escolas públicas da cidade de Santa Maria, totalizando aproximadamente 60 alunos. As escolas estão localizadas na região central, num contexto urbano que se apresenta acessível ao restante da cidade, porém precário no que se refere à qualidade urbana, segurança e espaços de lazer. Entende-se que a realidade urbana em que cada criança está inserida interfere nas suas percepções sobre a cidade, suas potencialidades e riscos, e estas precisam ser reconhecidas quando assume-se que a criança é parte importante do processo de planejamento urbano.

Após a realização de pesquisas bibliográficas e documentais sobre a temática da infância, da cidade, da presença das crianças no espaço urbano contemporâneo e das exigências da BNCC, optou-se pela realização de oficinas pedagógicas. Estas são entendidas aqui como momentos dinâmicos de aprendizagem coletiva, que respondem aos objetivos pretendidos pelo projeto com a educação urbana. Estas oficinas aconteceram com cada turma em dois encontros organizados dentro da mesma semana, a fim de estabelecer um vínculo temático e temporal entre eles (Figura 1).

Figura 1 - Registro do desenvolvimento das oficinas pedagógicas nas escolas.



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

Inicialmente, a escola e o entorno da escola foram escolhidos como ponto de referência para olhar a rua e a cidade. Nesse contexto, no primeiro dia de oficinas pedagógicas foram realizadas, entre outras, as atividades aqui denominadas “Quadro de Palavras” e “Painéis Coletivos” que convidaram os estudantes a conversar e desenhar sobre a rua da escola. Nestas, entre os objetivos específicos previstos estava o de reforçar a percepção de cidadania e coletividade, por isso a discussão e os desenhos foram realizados de forma coletiva, entre seus pares, sob observação e apoio do grupo extensionista.

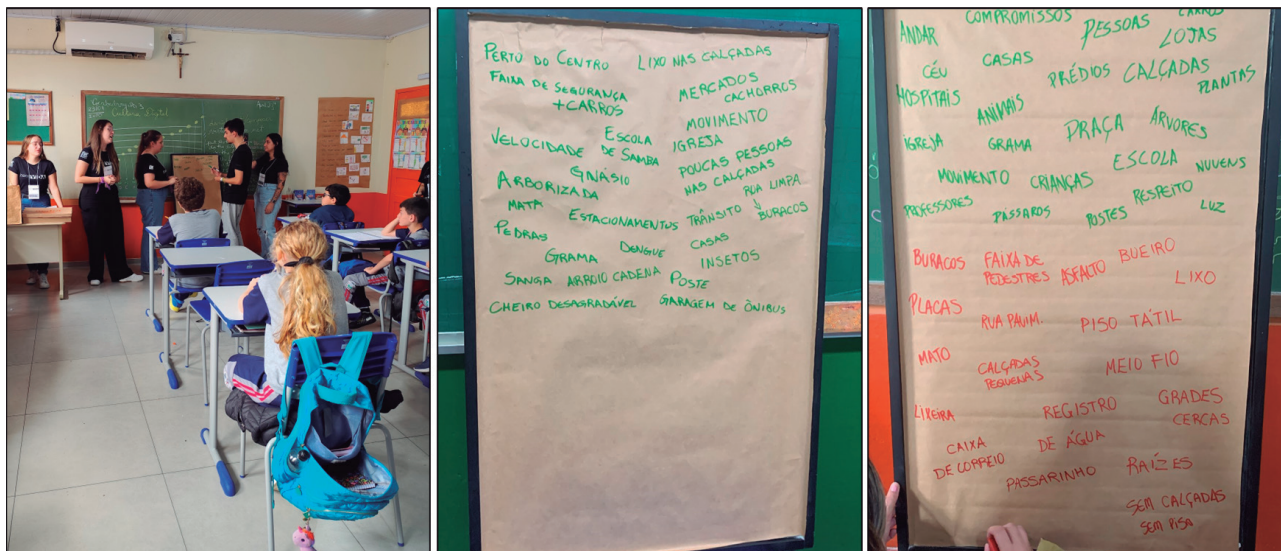
A primeira atividade proposta nas oficinas pedagógicas foi o Quadro de Palavras, com o objetivo de aproximar os acadêmicos e os estudantes e introduzir a temática, a partir de respostas iniciais e espontâneas das crianças sobre a cidade e a rua, baseadas em suas vivências cotidianas. No ambiente da sala de aula, e sem explicação ou contextualização prévia, os estudantes foram convidados a responder de forma simples e oral a duas perguntas: “O que é a cidade?” e “Como é a rua da escola?”. A discussão foi orientada pelos acadêmicos que anotaram em um quadro grande e único as respostas que ficavam visíveis à toda turma.

Na sequência, os alunos participaram de uma atividade prática: um passeio pela rua em frente à escola⁵, no qual as crianças foram incentivadas a observar atentamente o espaço urbano, analisando elementos que antes poderiam ter passado despercebidos na paisagem. Após a atividade prática, foram

⁵ Em uma das turmas, devido às condições climáticas, o passeio foi realizado de forma virtual por meio da plataforma *Street View*.

feitas as perguntas novamente e os alunos puderam completar as informações do quadro, indicando novos elementos que poderiam responder às perguntas iniciais e finalizando a discussão (Figura 2).

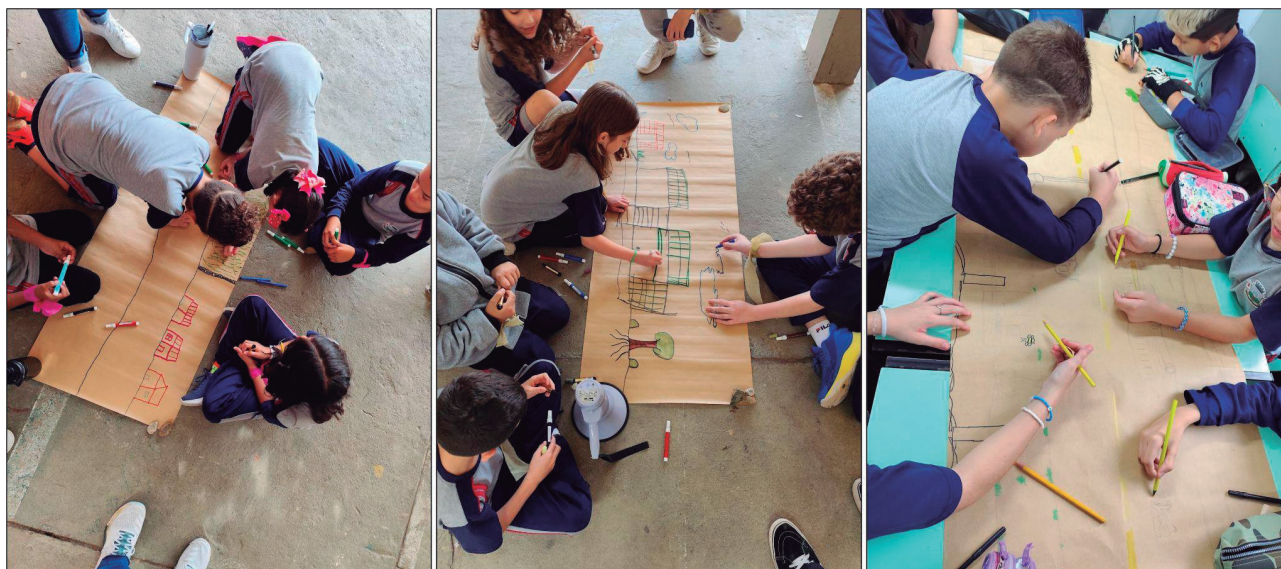
Figura 2 - Construção do Quadro de Palavras.



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

A segunda ação aqui descrita propôs a criação de “Painéis Coletivos” com desenhos que representassem a rua da escola. Em ambas as escolas, os grupos foram compostos por cerca de 5 a 6 crianças que juntas desenharam a rua em um grande painel, identificando o espaço urbano e buscando soluções conjuntas de representação, sem influências externas. As perguntas e dúvidas que surgiram durante a atividade foram resolvidas pelas próprias crianças, gerando discussões internas nos grupos. Após a confecção do painel, cada grupo explicou ao restante da turma e ao grupo de extensão o que tinha sido desenhado (Figura 3).

Figura 3 - Confecção dos Painéis Coletivos de desenho da rua da escola.



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

Ainda, extrapolando o espaço escolar e entendendo a criança também como um catalisador de discussões e comportamentos no ambiente familiar, os estudantes foram convidados a desenhar a rua da frente da sua casa em horário extra à sala de aula. Ao final do primeiro dia de oficinas, os alunos levaram para casa uma folha A4 com a pergunta: “como é a rua na frente da sua casa” impressa e receberam orientações para que a desenhassem. Assim, abriu-se a possibilidade de reflexão sobre o espaço urbano com os demais integrantes da família ou de forma individual, sem a orientação do professor ou do grupo extensionista, através da atividade “A rua da minha casa”. Esta atividade aconteceu no intervalo temporal entre a primeira e a segunda oficina pedagógica.

No âmbito das oficinas pedagógicas de educação urbanas ainda aconteceram jogos temáticos, interações com o *software Google Street View*, aplicação de dispositivos de acessibilidade e outras atividades complementares. Ao concluir as oficinas nas escolas após os dois encontros do grupo extensionista com cada turma de quinto ano, os estudantes receberam o convite para continuar as atividades com o grupo de extensão participando de um passeio guiado pelo Parque Itaimbé, um reconhecido parque urbano localizado no centro de Santa Maria-RS e considerado um dos locais públicos mais importantes da cidade.

RESULTADOS

Na atividade do Quadro de Palavras, foi possível observar que no primeiro momento as descrições sobre o que é a cidade e como é a rua da frente da escola se fixaram em elementos físicos e mais gerais como prédios, casas, carros, postes. Na medida em que essas opções já tinham sido citadas, os estudantes se motivaram a buscar novas respostas que se referem a elementos naturais (grama, céu, árvores) e a atividades específicas da rua da escola (professores, crianças). Após o passeio pela rua da escola, as palavras mais citadas foram: “bueiro”, “morros” e “piso tátil”, relacionadas às temáticas conversadas com o grupo extensionista e ao tempo de observação do espaço urbano proporcionado. Essas mudanças nas respostas indicam que, com a experiência prática, as crianças passaram a observar mais atentamente elementos da infraestrutura urbana que antes não eram tão perceptíveis, ampliando a percepção e compreensão sobre o espaço urbano. No quadro 1, é possível observar as palavras indicadas antes e depois dos passeios.

Quadro 1 - Respostas obtidas a partir das perguntas “O que é a cidade?” e “Como é a rua da escola?” no Quadro de palavras.

ANTES DO PASSEIO	<p>Gasolina Padarias Faixa pedestre Mercado Calçadas Galinhas Carros Bar Casas Flores Animais Escola Gramma Árvores Cone Rodovia Placas Buracos Fruteiras Posto Comércio Poste Quebra-mola Sinaleira</p>	<p>Prédios Movimento Lojas Plantas Escolas Carros Luz Respeito Postes Céu Animais Igreja Gramma Andar Casas Praça Nuvens Árvores Crianças Pessoas Calçadas Criações Compromissos Pássaros Professores</p>	<p>Prédios Movimento Lojas Plantas Escolas Carros Luz Respeito Postes Céu Animais Igreja Gramma Andar Casas Praça Nuvens Árvores Crianças Pessoas Calçadas Criações Compromissos Pássaros Professores</p>
DEPOIS DO PASSEIO	<p>Pessoas Fio solto Lixo Bueiro Piso Tátil Barreira na calçada Calçada irregular Rampa Morros Plantas na calçada</p>	<p>Passarinho Rua pavimentada Moto Sem piso Grandes cercas Mato Caixa de correio Cercas Buracos Raízes Lixeira Asfalto Lixo Piso tátil Bueiro Grades Calçadas pequenas Faixa de pedestre Placas Meio fio Registro de água</p>	<p>Rua pavimentada Quebra mola Pessoas Ciclovia Placas Bicicleta Morros Esquina Meio-fio Lixeiras Paradas de ônibus</p>

Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

A comparação entre as três turmas mostra que, antes do passeio, todas observaram uma mistura de elementos naturais e infraestrutura urbana. A turma A da Escola 1 focou em comércio e trânsito, a turma B da mesma escola (2ª turma) em vida comunitária, e a turma da Escola 2 em arborização e o Arroio Cadena⁶. Após o passeio, todas notaram problemas de infraestrutura, como calçadas irregulares e buracos. Os principais problemas identificados foram relacionados à infraestrutura urbana e acessibilidade, questões abordadas nas atividades desenvolvidas com os alunos nos passeios. A Figura 4 apresenta uma nuvem de palavras como resultado da atividade, com destaque para importância das casas, da escola e da vegetação indicada pelos estudantes.

Figura 4 - Nuvem de palavras final da atividade do Quadro de Palavras.



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

⁶ Córrego localizado próximo da escola.

Entende-se que a dinâmica permitiu que cada aluno expressasse sua opinião pessoal sobre o espaço urbano, registrando tanto aspectos físicos como emocionais e funcionais de sua relação com o ambiente. A comparação entre as respostas antes e depois do passeio na rua da escola visava promover uma análise crítica, destacando as mudanças na percepção dos alunos sobre o espaço urbano e permitindo que identificassem diferenças ou elementos que antes não haviam percebidos.

Em outro momento, foi realizada a atividade dos Painéis Coletivos, que tiveram abordagens um pouco distintas nas escolas, mas sempre com o objetivo de relatar a rua de acesso à escola. Na primeira escola, onde a atividade foi realizada após uma saída à rua com a equipe do [com]VIDA, a abordagem seguiu a mesma linha de não interferência. Ao contrário da primeira escola, aqui as crianças já haviam ido para a rua, o que proporcionou um olhar diferenciado para certos detalhes.

Considerou-se que as discussões em grupo foram essenciais para enriquecer os painéis, com os alunos complementando os desenhos uns dos outros à medida que percebiam novos elementos. Elementos como vegetação, edificações e faixas de segurança continuaram aparecendo de maneira recorrente, mas o olhar das crianças parecia mais atento aos detalhes após a visita ao espaço urbano (Figura 5).

Figura 5 - Painéis Coletivos produzidos pela turma B da Escola 1 (passeio com saída da escola).



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

Nos desenhos da segunda escola, que não fez o passeio-guiado antes dessa atividade, alguns grupos optaram por representar o espaço em planta baixa, destacando elementos como coberturas de edificações e árvores de forma mais técnica. Outras misturaram a planta baixa com vistas tridimensionais, principalmente para desenhar construções, veículos e árvores.

Essas discussões internas enriqueceram os painéis, já que cada criança trazia percepções diferentes sobre os elementos urbanos. Isso fez com que o desenho coletivo se tornasse mais detalhado, com cada aluno contribuindo com suas impressões e memórias. Elementos afetivos, como edificações comerciais e a presença constante da faixa de segurança em frente à escola, foram notáveis (Figura 6). Esses itens ressaltaram a importância que as crianças dão a determinados aspectos do espaço urbano, mesmo sem terem feito uma observação direta.

Figura 6 - Painéis Coletivos produzidos pela turma da Escola 2 (passeio Street View).



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

Comparando-se os desenhos das duas escolas, percebe-se que os painéis elaborados após a ida à rua são mais detalhados e preenchidos, pois as crianças estavam sob impacto do passeio, o que lhes permitiu retratar com mais precisão o que observaram no ambiente urbano. Um destaque no segundo grupo foi o painel que incluiu a representação de pessoas, algo que não havia aparecido no primeiro grupo. A inclusão das pessoas no desenho mostrou que ao discutir e compartilhar suas percepções, as crianças ampliam a visão do que compõe o espaço urbano. Ao final, os painéis foram apresentados para a turma, conforme mostra a Figura 7.

Figura 7 - Apresentação dos painéis coletivos de desenho da rua da escola.

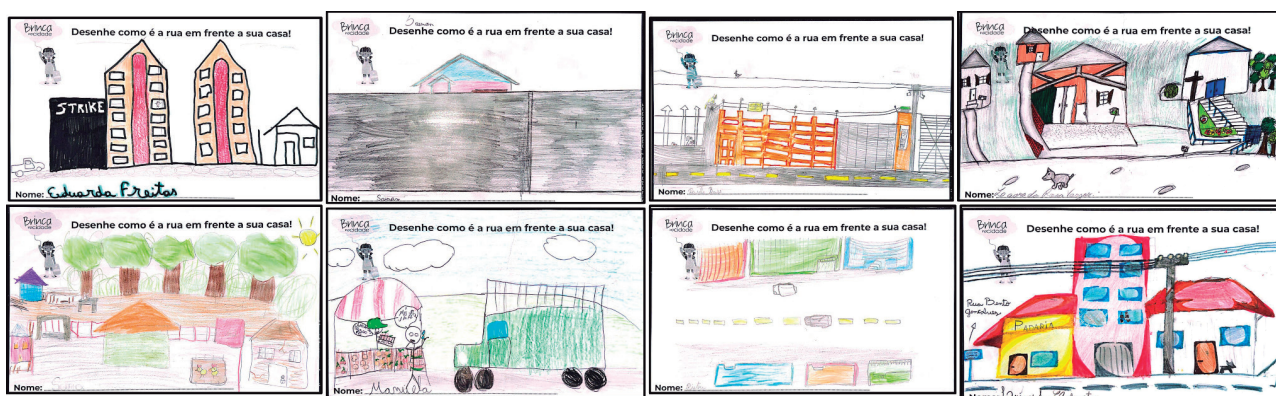


Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

Observando o desenvolvimento da atividade, em geral, foi possível perceber que é importante deixar as crianças trabalharem sem a intervenção direta de um adulto (pai, professor...). Pois as crianças não só desenharam o que viam, mas também complementaram as ideias umas das outras, adicionando detalhes que talvez não tivessem percebido sozinhas. Essa troca entre elas foi essencial para despertar um olhar mais crítico e afetivo sobre a rua, provando que, mesmo sem a presença dos adultos, as crianças conseguem conversar e refletir juntas sobre o lugar onde vivem.

A última atividade aqui abordada, chamada “A rua da minha casa”, foi realizada ao final do primeiro dia de oficina pedagógica. Como “tarefa de casa”, os estudantes receberam a instrução de desenhar a rua em frente às suas casas, registrando suas impressões sobre esse espaço. Com isso, é possível permitir que elas se tornem observadoras críticas do ambiente onde vivem, ampliando seu entendimento sobre a rua e os aspectos urbanos que impactam seu cotidiano. Através dessa atividade, foi possível perceber não apenas a diversidade de realidades e percepções entre os alunos, mas também os elementos urbanos que mais se destacam. Na Figura 8, estão apresentados desenhos que representam a diversidade de olhares percebidos pelos estudantes, a partir do seu lugar de moradia.

Figura 8 - Desenhos resultantes da ação “A rua da minha casa”.



Fonte: Acervo do Projeto [com]VIDA, 2024.

A análise dos desenhos produzidos, permite perceber elementos específicos, como a presença de uma feira, galinhas e câmeras de segurança, que foram destacados por alguns, mostrando um olhar atento para a diversidade de elementos que compõem o espaço urbano e que, de certa forma, impactam seu cotidiano. As crianças também apontaram edificações comerciais que servem como referência e um muro que bloqueia a visão da frente de uma residência, evidenciando como esses aspectos influenciam a percepção e o uso do espaço.

Segundo Sarmiento (2011), é pelos desenhos que as crianças exploram os limites da linguagem simbólica e, enquanto desenham são estabelecidas relações que as fazem compreender o mundo, é possível considerar que os resultados das atividades coletivas e individuais propostas contribuem para a reaproximação das crianças com o espaço da rua. Todos os detalhes observados nos produtos gerados demonstram que os estudantes percebem a rua não apenas como um local de passagem,

mas como um ambiente com significados e interações, concordando com o que afirma João do Rio (2008, p. 9) “Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um fator de vida das cidades, a rua tem alma”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Daquilo que se entende por educação urbana, baseada nos conceitos de autonomia do pensamento e sua importância para o contexto infantil, a dinâmica de oficinas pedagógicas mostrou-se uma estratégia adequada para abordar o tema com crianças. Por tratar-se de uma modalidade de ensino caracterizada pela ação, permite-se que o conteúdo seja abordado de forma prática, promovendo o fazer reflexivo.

As atividades práticas propostas podem ser interpretadas como ferramentas de aproximação (ou reaproximação) das crianças com sua cidade, bairro, rua, desenvolvendo outros fundamentos sobre o espaço urbano e ampliando seu repertório sobre como ver, perceber e viver a urbanidade.

Sobre o distanciamento da criança com a cidade, Carvalho discute que:

Buscar maior vinculação das crianças com os seus territórios nos provoca, como adultos e adultas, a pensar no paradigma da proteção versus autonomia das crianças, no qual, sem deixar de protegê-las, precisamos criar esses espaços físicos e sociais para que elas possam viver experiências que as deixem tomar decisões e tomar seu papel como agentes da sociedade. (Carvalho, 2022, p. 87)

Avalia-se que as oficinas pedagógicas promovidas pelo [com]VIDA influenciaram na consciência e na compreensão dos estudantes sobre seu ambiente urbano. Ao se envolverem em experiências práticas, as crianças deixaram de reconhecer os elementos físicos básicos do ambiente ao redor para identificar aspectos mais sutis da infraestrutura urbana e da vida comunitária a partir da observação crítica e a reflexão.

A exploração das percepções das crianças sobre os espaços urbanos por meio de atividades de desenho coletivo revela sua compreensão e envolvimento com o meio ambiente. A interpretação que se faz é de que as experiências diretas, como visitas guiadas em passeios a pé, aprimoram as habilidades de observação das crianças e enriquecem suas representações artísticas de elementos urbanos. Tal constatação surge a partir da análise dos desenhos realizados após a visita guiada na rua da escola, que demonstraram maior consciência de detalhes urbanos e pelo caráter dos temas que foram levantados nas discussões posteriores à saída da escola.

A atividade “A rua da minha casa” permitiu que os alunos se envolvessem criticamente com seu ambiente urbano. Ao desenhar suas ruas, os estudantes expressaram suas percepções, refletindo acerca das dinâmicas socioespaciais em que estão inseridos, como nos desenhos que mostram elementos como mercados e câmeras de segurança, que influenciam suas percepções de segurança e comunidade.

O projeto [com]VIDA destaca a importância de aproximar a educação urbana das experiências diárias das crianças, indicando que suas atividades devem prosseguir com o mesmo público em novas ações a serem desenvolvidas, defendendo que a “rua” é um espaço de aprendizado e interação, de encontro e de trocas. Acredita-se que as oficinas pedagógicas de educação urbana evidenciam que aprender sobre o espaço urbano é fundamental para a formação de cidadãos conscientes e participativos na construção de uma cidade mais inclusiva e democrática.

Ao incorporar a cidade como um espaço educativo, fortalece-se o vínculo entre o indivíduo e o ambiente urbano, promovendo a valorização cultural e local, essencial para o desenvolvimento da cidadania. Assim, a integração entre educação e cidade se consolida como um meio eficaz para fomentar o respeito às diferenças e a criação de espaços mais afetivos e democráticos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CARVALHO, Levindo D.C. BIZZOTTO, Luciana M (Orgs). **A criança e a cidade: participação infantil na construção de políticas públicas**. Belo Horizonte: UFMG/FaE/NEPEI/TEIA, 2022.

CIDADES EDUCADORAS. **Carta das Cidades Educadoras**. Declaração de Barcelona, 1990.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LEITE, Carlos (org.). **Guia de urbanismo social**. 1. ed. São Paulo: BEI Editora: Núcleo de Urbanismo Social do Laboratório Arq. Futuro de Cidades do Insper e Diagonal, 2023.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da cidade**. 3. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2011.

RIO, João. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Conhecer a infância: os desenhos das crianças como produções simbólicas. In: A.J. Martins Filho & P. D. Prado (Orgs) **Das Pesquisas com Crianças à Complexidade da Infância**. Campinas: Autores Associados, 2011.